

SUSPENSÕES DA “HISTÓRIA”: DO MAIO DE 68 AO CARACAZO EM 89

Livia Vargas-González¹

Resumo: O Maio de 68 será tido como um ponto de emergência intempestivo e inesperado que quebrará as tendências da continuidade histórica e política e conseguirá desafiar e até ultrapassar os dispositivos da modernidade burguesa da França do pós-guerra. Será, não à toa, a ratificação concreta do que alguns autores da literatura teórica nomearam acontecimento. No imaginário coletivo venezuelano, o Caracazo significará a emergência espontânea e imprevisível cuja irrupção quebrará a ordem social e política da institucionalidade democrática representativa da Venezuela e trará à tona forças, sujeitos e possibilidades ocultos e subterrâneos. Mas, o que tem a ver o Maio de 68 com o Caracazo, um episódio acontecido na Venezuela em 1989, um ano invadido pelo espírito das resignações e desesperanças? Porque bisbilhotar em dois episódios distantes tanto em tempo quanto em espaço? O que eles têm em comum que os faz susceptíveis de serem associados? Embora seus contextos espaciais, temporais e históricos sejam diferentes, o Maio e o Caracazo compartilham o feito de serem irrupções imprevisíveis que suspenderam a “história” e abriram um campo de possíveis não reconhecidos nem prefigurados por esta. A reflexão que trago hoje para vocês, e cujo alcance é apenas exploratório, procura identificar, tanto em Maio quanto no Caracazo, os traços que os situam como acontecimento, suas semelhanças e suas peculiaridades e o que esta aproximação pode desvelar no que respeita aos limites e potencialidades do acontecimento entanto que abertura emancipatória. Esta aproximação tomará como eixos os seguintes aspectos: as premissas destes episódios como suspensões da “história”, os sujeitos que emergiram neles e as formas concretas da suspensão.

Palavras-chave: Maio de 68; Caracazo; suspensão da “história”; acontecimento.

“Lo importante es que la acción haya tenido lugar, mientras que todo el mundo la creía impensable. Si tuvo lugar esta vez, puede volver a producirse...”.
Jean Paul Sartre, “Les communistes ont peur de la révolution” (1972 apud. BAROT, 2018, p. 8).

O Maio de 68 simboliza, para além das distintas interpretações e leituras feitas sobre ele, um ponto de quebra e uma reviravolta das formas, as dinâmicas, as linguagens e os dispositivos da modernidade burguesa francesa que, no marco do pós-guerra e da Guerra Fria, “estava a melhorar”. Foi a emergência de uma força insuspeita que conseguiu surpreender tanto os atores políticos e sociais, quanto as mídias. Esse caráter imprevisível da irrupção de Maio, assim como o plexo de possibilidades que trouxe consigo, obrigou a busca de novos relatos, discursos e chaves teóricas. Não à toa as teorias do *acontecimento*² cobraram nova força na França pós-68.

¹ Formada em Filosofia com mestrado em Filosofia pela Universidad Central de Venezuela (UCV). Doutoranda em História com bolsa da CAPES no PPGHIS da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), sob a orientação do prof. Marcelo de Mello Rangel. É Professora Assistente na Escola de Sociologia da UCV. A presente comunicação faz parte da pesquisa para a realização da tese doutoral da autora.

² Nesse período emergirá toda uma literatura teórica na filosofia, nas ciências sociais e na história na que a ideia de *acontecimento* ocupará particular relevância. A proposta genealógica de Michel Foucault (1979), a *teoria paradoxal do sentido* desenvolvida por Gilles Deleuze (1970), a reconfiguração do *acontecimento* em Paul Ricoeur (1995), o retorno do *acontecimento* em Edgar Morin (1972), entre outros.

No imaginário coletivo venezuelano, o Caracazo simboliza a emergência espontânea e imprevista cuja irrupção quebrará a ordem social e política da institucionalidade democrática representativa da Venezuela e trará à tona forças, sujeitos e possibilidades antes ocultos e subterrâneos.

Mas, o que tem a ver o Maio de 68 com o Caracazo, um episódio acontecido na Venezuela em 1989, um ano invadido pelo espírito das resignações e das desesperanças? Porque bisbilhotar em dois episódios distantes tanto em tempo quanto no espaço? O que eles têm em comum que os faz susceptíveis de serem associados? Embora seus contextos espaciais, temporais e históricos sejam diferentes, o Maio e o Caracazo compartilham o feito de serem irrupções imprevisíveis que suspenderam a “história”³ e abriram um campo de possíveis não reconhecidos nem prefigurados por esta. A reflexão que trago hoje para vocês, e cujo alcance é apenas exploratório, procura identificar, tanto em Maio quanto no Caracazo, os traços que os situam como *acontecimento*, suas semelhanças e suas peculiaridades, e o que esta aproximação pode desvelar no que respeita aos limites e potencialidades do *acontecimento* entanto que abertura emancipatória, tomando como eixos os seguintes aspectos: as premissas históricas destes episódios como suspensões da “história”, os sujeitos que emergiram neles e as formas concretas da suspensão.

A PERSPECTIVA CONCEITUAL

A tendência da “história” e da sua escrita de se mostrarem como uma conjunção de episódios que constroem um corpo sólido e homogêneo faz estes aparecerem enlaçados em uma continuidade que oculta os espasmos e tensões que – concorrendo simultaneamente nela – atrapalham a sua unicidade narrativa. Concomitantemente, a esta narrativa se opor uma poética da irrupção que quebra e interrompe os enquadramentos que restringem o campo de possibilidades. Trata-se daquelas emergências imprevistas e intempestivas nas que o subterrâneo e invisível irrompe e altera a ordem e estabilidade da superfície.

O que dizer daquilo que emerge além do que tinha sido considerado possível dentro dos marcos do mensurável? Qual a sua natureza? Ele responde aos limites do real ou, todavia, aos limites das nossas estruturas de pensamento e dos mecanismos com os quais apreendemos o real?

Entendo por *suspensão da “história”* aquele instante em que os ritmos, tendências e linhas de conjunção temporais são interrompidos pela emergência de uma força que, reprimida, negada e/ou oculta no subsolo e desconhecida pela narrativa histórica, irrompe a superfície e abre a história impondo inéditas lógicas, ritmos e bifurcações do tempo nas que um novo campo de possíveis vem à tona. Eu chamarei *subterrâneos* os sujeitos dessa suspensão,

³ Uso as aspas para me referir à narrativa hegemônica da história, a qual nega e exclui as tensões que ameaçam sua constituição estável e contínua. Assim, ao falarmos de suspensão da “história”, nós estamos nos referindo à ruptura da temporalidade sobre a qual esta tem sido construída e narrada, em oposição a outra concepção da história que, ao reconhecer tais tensões, se encontra aberta às possibilidades insuspeitas.

entanto que sua força e sua vida se desenvolvem embaixo à “história”. Não entanto, trata-se de subterrâneos cujo caráter específico manifesta-se na singularidade da emergência.

Nós poderíamos concordar em que uma das características significativas das emergências acontecimentais encontra-se no fato de elas serem impensadas, imprevisíveis e inenarráveis. Excluídas tanto da temporalidade quanto do lugar do estabelecido e das narrativas hegemônicas, elas irrompem e suspendem a “história”. Do reclamo inaudível e invisível, a força do *acontecimento* apropria-se do tempo e do espaço fazendo do impensável a emergência e produção de possibilidades insuspeitas.

No entanto, a perspectiva a partir da qual eu penso estas emergências, assume a temporalidade como a concorrência simultânea de tempos, possibilidades e tendências cujos ritmos são desacordes. Mesmo que essa força acontecimental – a que Benjamin nas suas *Teses* (2009) conceberá como *débil força messiânica* – fizer emergir o imprevisível e o impensável, ela coabita oculta e latente com a continuidade histórica e com o âmbito das possibilidades do estabelecido. Trata-se de uma voz inaudível, de uma força invisível e de um movimento subterrâneo, não reconhecidos nem considerados pelas forças e dispositivos que operam na superfície das relações sociais e políticas. Trata-se, aliás, do desestimado pelos limites da ordem e da continuidade histórica, mas que existe subterrâneo.

Destaco três aspectos a partir dos quais compreendo a *suspensão da “história”*:

PREMISSAS CONCRETAS PARA SUSPENSÕES CONCRETAS

Pensar as *suspensões da “história”* passa por identificar, ou pelo menos esboçar, as premissas que outorgam o caráter da sua natureza disruptiva. Eu vou me atrever apenas a enunciar algumas que, intuitivamente, parecem acompanhar tais suspensões.

No primeiro lugar, uma *suspensão da “história”* pressupõe o divórcio entre superfície e subsolo, isto é, entre os dispositivos de poder e as forças dxs subterrâneas, entre a potência do movimento destes e a engrenagem desmobilizadora da institucionalidade política, enfim, entre a narrativa dessa “história” e a poética em que se produz a irrupção.

Em segundo lugar, o cenário de crise é o sítio das emergências que suspendem a história. São os instantes de perigo o momento em que as forças dxs subterrâneas se mobilizam e irrompem.

Em terceiro lugar, a *suspensão* pressupõe a tensa coexistência entre temporalidades e forças desacordes.

Finalmente, toda *suspensão* é possível pelas forças e tradições subterrâneas que, embora invisíveis, coabitam com a “história”.

FORMAS E MOVIMENTOS DA SUSPENSÃO

Entanto que ruptura, a *suspensão da “história”* possui formas e movimentos próprios através dos quais ela se produz.

A *suspensão* é, em primeira instância, uma emergência intempestiva e imprevista do insuspeito, impensado e *in-nomeado* na narrativa e as dinâmicas da “história”.

Ela encarna a concorrência e visibilidade de um campo de possíveis que, impensados e inexistentes na superfície da “história”, jaziam ocultos no subsolo.

Ela é tanto a emergência quanto a produção de novas possibilidades.

Ela se move no âmbito das indeterminações e se desdobra no cenário da conjuntura.

O SUJEITO ESPECÍFICO DA SUSPENSÃO (O CARÁTER, AS FORMAS, OS VEÍCULOS)

Tinha falado que os sujeitos da *suspensão da “história”* são *xs subterrâneos*, ou seja, aqueles que, não estando reconhecidos na estrutura e lógica da ordem estabelecida, interrompem a temporalidade da “história” e inserem outras temporalidades e outro campo de possíveis. No entanto, à suspensão corresponde a manifestação singular deste sujeito, das suas formas de organizar sua potência produtiva e dos veículos a través dos quais a canaliza. Desta forma, minha exploração tentará dar conta do caráter específico *dxs subterrâneos* que produziram o Maio e o Caracazo.

MAIO DE 68: A SUSPENSÃO DO REACOMODO NO PÓS-GUERRA

A França, berço da Revolução de 1789 e da Comuna de 1871, território de Maio de 68. Se algum sentido historiográfico tem se criado ao redor da França é este do nascer das promessas emancipatórias, das rupturas, das revoltas, das revoluções e das transformações radicais. Maio de 68 tratar-se-á da emergência imprevisível de forças que impugnarão os ícones de 1789, isto é, a ruptura radical ao respeito da institucionalidade da sociedade moderna e do reordenamento do capitalismo no pós-guerra.

As possibilidades de desenvolvimento histórico e político no contexto da modernidade capitalista contemporânea vinham sendo mobilizadas pela ideia de *progresso*, de *liberdade* e de *emancipação*. De uma parte, as organizações partidárias e gremiais, bem como os processos eleitorais, serão os dispositivos fundamentais para orientar e canalizar as diferenças sociais, econômicas e políticas dentro do marco da democracia burguesa, neutralizando e excluindo outras formas de agir não contempladas nas possibilidades instituídas nela. Da outra, a toma do poder político da classe operária será a estratégia fundamental para conquistar a revolução socialista, forma de organização social cujas bases promoverão a emancipação das classes exploradas. Quer para orientar processos emancipatórios e revolucionários, quer para canalizar as tensões no interior dos regimes da democracia burguesa, a organização par-

tidária será o mecanismo e o instrumento de concentração da potencialidade e da vontade política coletiva.

Maio de 1968 na França será a implosão e a reviravolta dos limites e possibilidades estabelecidos pela institucionalização e domesticação dos corpos, da sexualidade, do pensamento, da linguagem, da política, da produção, e seu caráter *disruptivo* será reconhecido a partir de perspectivas e ênfases diversas.

Para Roland Barthes (2004), por exemplo, a singularidade histórica de Maio de 68 encontrar-se-á na forma em que ele foi escrito: a oralidade converteu-se no fundamento da apropriação, da produção e da transmissão do *acontecimento*, dissipando as distâncias entre discurso e ato, fazendo da fala uma linguagem performativa, operante e produtiva. Para Michel de Certeau, Maio de 68 será a *toma da palavra*, uma palavra que tinha permanecido prisioneira e que, naquele *acontecimento*, foi liberada e socializada. Será, a seu juízo, uma espécie de festa “enlazada, pero no identificable, con los juegos peligrosos de las barricadas o con el psicodrama de una catarsis colectiva” (CERTEAU, 1995, p. 40). Outras interpretações, como as de Michel Foucault (1979) e Alain Badiou (2010), acharão em Maio de 68 uma irrupção contra as formas hierárquicas do poder e contra a estrutura partidária. Para este último, tratar-se-á da produção de uma nova concepção da política.

Dos Maios que o Badiou identifica: o estudantil, o operário, o cultural e o político:

El cuarto Mayo del ‘68 es, finalmente, el más interesante. Consiste en la búsqueda de una nueva concepción de la política -la búsqueda por crear, por ejemplo, una colectividad entre trabajadores, estudiantes, extranjeros, etcétera-. Creo que aquí yace el legado del Mayo del ‘68. Porque la revuelta de los estudiantes en sí misma no es una cuestión universal (...). La huelga de trabajadores en sí misma es ampliamente controlada por el Partido Comunista y por los sindicatos tradicionales (...). La transformación de las modalidades sexuales y la revolución cultural crean una modernidad, pero esta modernidad es compatible con el capitalismo. (BADIOU, 2010).

Segundo esta perspectiva, a novidade de Maio de 68 encontrar-se-á na criação de uma política sem centros que excede os dispositivos políticos da modernidade. Por trás da afirmação do Badiou repousa, além do reconhecimento da imprevisibilidade, a crítica às formas tradicionais e institucionalizadas do agir político reservadas pela modernidade, nas que se encontra a ideia de *partido* e, de alguma forma, a da centralidade da classe operária como sujeito político da emancipação.

Os grandes partidos de esquerda, ao serem burocratizados e subsumidos à engrenagem da democracia burguesa, perderão a sua capacidade de impulsionar processos emancipatórios e de transformação social e política para confrontarem a exploração, as guerras neocoloniais e os conflitos de ordem racial e de gênero, bem como as lutas contra a organização social

capitalista em geral. E Maio será a produção de uma nova coletividade na qual concorrerão distintas forças subterrâneas, isto é, a emergência de um novo campo de possíveis.

Tendo em vista estas apreciações que apontam para o caráter inovador, imprevisível e acontecimental de Maio de 68, eu gostaria de destacar algumas caracterizações tomadas da leitura de Daniel Bensaïd e Henri Weber (1969), feita ao calor do próprio desdobramento daquela irrupção.

A LOCALIZAÇÃO SITUACIONAL (UM CONTEXTO DE CRISES)

O Maio acontece em um contexto em que as instituições do capitalismo burguês (família, cidadania, nação, estilo de vida) estavam sendo impugnadas por distintos movimentos sociais que, posicionando e afirmando as suas singularidades, identidades e pulsões, reagiam àquelas estruturas. Os movimentos contraculturais, o movimento hippie, o movimento negro, a pílula anticonceptiva, a luta pelo direito ao aborto, etc., serão algumas das manifestações que colocarão em cheque a solidez e estabilidade da institucionalidade burguesa.

A necessidade de formação de mão de obra qualificada levará ao governo francês impulsionar uma política educativa centrada na especialização técnica. Esta tentativa, além da estrutura e composição elitista das universidades, será impugnada por lutas estudantis independentes das direções partidárias.

Em um contexto de Guerra Fria marcado por uma competência voraz pela inovação tecnológica industrial e militar, bem como pela abertura do mercado dos bens e serviços e pelo aumento da capacidade produtiva dos países centrais por conta das guerras coloniais no Vietnã, Argélia e a Coreia, o Estado de bem-estar será a fórmula política para a conciliação entre as classes e a neutralização de novas emergências emancipatórias. Além disso, a classe trabalhadora encontrar-se-á profundamente afeitada tanto pelos embates da 2da Guerra quanto pelas próprias políticas burocráticas impulsionadas pelos Partidos Comunistas, o que dificultará a possibilidade de pensar nem prefigurar algum tipo de força política vinda *dxs subterrâneas* que promovesse emergências revolucionárias efetivas nos países centrais. O possível achar-se-á encapsulado e enquadrado nos limites da institucionalidade da democracia burguesa, com seus atores e seus dispositivo. No entanto, esta tentativa de encapsular a potencialidade política *dxs subterrâneas* sob as estruturas burocratizadas das organizações gremiais e partidárias, gerará um afastamento destas ao respeito daquela, o que promoverá a criação de novas formas organizativas não hierárquicas e independentes.

OS SUJEITOS (O CARÁTER E AS FORMAS)

A emergência de uma força coletiva nascida do movimento estudantil e do movimento operário para além das formas de organização política tradicionais surpreenderá tanto o regime político do Estado francês quanto às direções burocráticas das centrais sindicais e dos principais partidos de esquerda.

Bensaïd e Weber (1969) encontrarão em Maio de 68 o cenário em que o movimento estudantil e o movimento operário confluirão na produção da irrupção, ressaltando as tensões e disputas de direção no interior do movimento, assim como o seu impacto no desdobramento da revolta. Em Maio os estudantes emergiram como um novo sujeito capaz de suspender a ordem e a “história”. No entanto, embora o movimento estudantil fosse uma força relevante na irrupção e colocasse em questão a tese da centralidade da classe operária como sujeito político da revolução, o que Bensaïd e Weber destacam de Maio é a aliança entre estas forças para além das burocracias e a revitalização do movimento operário como agente da suspensão da ordem.

Três aspectos eu gostaria de ressaltar da leitura de Bensaïd e Weber. O primeiro, que *xs subterrâneos* de Maio foram não apenas os estudantes como sujeito diferenciado e suspensor, mas o movimento operário que, ultrapassando os limites das burocracias sindicais, conseguiu levar para frente a maior greve geral acontecida na França desde então. O segundo, que *os grupúsculos*⁴, desconhecidos antes como forma do agir político, emergem como novidade organizativa. O terceiro, que o mesmo carácter acéfalo, não hierárquico e independente que fez ao movimento estudantil e ao movimento operário irromperem e ultrapassarem as burocracias sindicais e partidárias, suspendendo com isto a “história”, foi o mesmo que gerou o declínio da potencialidade disruptiva dessas forças.

La imagen básica del movimiento de Mayo es la del pueblo apoderándose de los edificios y subvirtiendo los discursos y las prácticas de las instituciones que allí residían: universidades, fábricas, liceos, canales de televisión, teatros, colegios profesionales, etc. Mientras el poder del Estado burgués se replegaba, las asambleas soberanas y los comités electos se hicieron cargo de la gestión de estos lugares y buscaron establecer una distinta forma de comunicación entre sí y con la sociedad. (DE LUCÍA, 1998).

Enquanto as forças subterrâneas que emergiram em Maio de 68 concentram-se nos estudantes, nos operários e nos intelectuais, a forma organizativa será a da confluência de *grupúsculos* sem organização hierárquica e à margem dos dispositivos políticos estabelecidos na ordem do regime burguês francês: os partidos e as organizações gremiais. Estas forças e suas respectivas formas de se organizarem ocuparão espaços antes administrados pela engrenagem da sociedade burguesa: as ruas serão tomadas com barricadas, as fábricas com greves, as salas de aula e os prédios administrativos das universidades com ocupações estudantis, as paredes com cartazes e graffitiis... *Xs subterrâneos* em Maio irromperam e fizeram-se visíveis estabelecendo novas configurações no espaço.

4 Un espectro vuelve a cernirse sobre el mundo capitalista: el de los grupúsculos. En los Estados Unidos, en el Japón, en Europa occidental, hace unos diez años que nacen nuevas vanguardias jóvenes, cuya acción contrasta violentamente con la unión de los partidos obreros tradicionales (...) que se pliegan a los ritmos parlamentarios de la democracia burguesa. En cambio, los grupúsculos no tienen rótulo bien conocido. Nacidos de la socialdemocracia o de los partidos estalinianos, todavía forman parte del mundo ignorado. (BENSAÏD; WEBER, 1969, p. 17).

O MAIO DE 68: EMERGÊNCIA E OCASO DE UMA SUSPENSÃO:

Emergência imprevisível e impensável, Maio de 68 surpreende porque sua força disruptiva emerge desde um lugar e com um caráter não contemplados dentro dos parâmetros que o contexto de pós-guerra demarcava. O contemplado dentro das possibilidades da “história” e da ordem reduzia-se à gestão e acomodo das demandas sociais por parte dos dispositivos e instituições reservados para domesticá-los. Após da 2da Guerra, e no marco da Guerra Fria, as forças emancipatórias ficavam controladas e retidas pelos redutos da institucionalidade política e pelo aparato dos Partidos Comunistas do mundo.

Maio será o desafio à resignação e às tentativas de domesticação das pulsões libertárias, bem como a impugnação da modernidade ocidental capitalista em todas as suas dimensões: a sexualidade, a ciência, a academia, a psiquiatria, a ordem do discurso, a hegemonia da escrita sobre a fala, o colonialismo, o racismo, o patriarcado, a exploração do trabalho, o Estado, as formas de organização e de produção do político... Maio de 68 será não apenas a produção de formas de agir “selvagens” e a quebra de toda norma, mas o reposicionamento do espírito de esperança, de rebeldia e de desafio para além do possível que, no entanto, não contará com os mecanismos para canalizar e potenciar a imensa força com a qual emergiu e conseguiu suspender por um momento a “história”. Segundo afirmará Bensaïd num texto posterior: “Contra todos los que dudaban del socialismo y perdían la esperanza en la clase obrera, Mayo del 68 fue en principio la confirmación de la actualidad y la posibilidad de la revolución en los países capitalistas desarrollados, la reafirmación del rol dirigente de la clase obrera” (BENSAÏD, 2018).

O Maio de 68 tem como prolegômenos (THOMAS, 2008) a ocupação, em 22 de março, do prédio administrativo da Universidade de Nanterre por parte dos estudantes. Mas será no mês de maio quando, num protesto no bairro Latino, a revolta se espalhará logo depois com a incorporação do movimento operário na maior greve geral havida na França.

El 13 de mayo, desbordando a las direcciones sindicales del movimiento obrero que hasta ese momento habían hecho de todo para evitar su conjunción, tiene lugar una gigantesca manifestación común que reúne a estudiantes secundarios, universitarios y obreros que llegan desde todo el país. A partir de ese día comienzan tres semanas de huelga general, que moviliza a 10 millones de trabajadores en todo el país, y fue la más importante de toda la historia de Europa occidental. (BAROT, 2018, p. 6 e seq).

No marco das dinâmicas, dos dispositivos e dos sujeitos que concorrem na ordem estabelecida e suas possibilidades históricas, um cenário tal era simplesmente impensável, não só pela sua expansão em tempo, espaço e impacto, mas pelo fato de se constituírem alianças concretas para além do corporativismo estabelecido como prática política. Enquanto a política do Partido Comunista e das centrais sindicais centrava-se na tentativa de controlar e assimilar as forças dxs subterrâneas e de mantê-las isoladas, estes últimxs manifestavam-se e agiam de forma autônoma e sob lógicas marcadas pela conjuntura.

Tanto as forças da ordem estabelecida e da “história” quanto as forças dxs subterrâneas concorrerão simultaneamente no campo aberto, visível e conjuntural da suspensão, disputando os espaços, os ritmos, as linguagens, as formas de agir e de organizar... o futuro. Isto supõe o reconhecimento de um âmbito tecido pelos agenciamentos que operam na incerteza e na conjuntura.

O ceio por garantir a horizontalidade e a autonomia do movimento dxs subterrâneas, o qual tinha possibilitado a irrupção e a suspensão da “história” em Maio, limitou, no entanto, as possibilidades de capitalizar a potencialidade da sua força suspensória.

Maravillados y sorprendidos por su número y el descubrimiento de su fuerza, los huelguistas del 68 eran incapaces de utilizarla. Por supuesto, falta nombrar a los primeros responsables del fracaso, pues una huelga de 10 millones de trabajadores y duración de tres semanas, que se salda con el plato de lentejas de Grenelle y la reelección en junio de la Asamblea más reaccionaria después de la guerra, constituye un fracaso. (BENSAÏD, 2018).

Deste modo, o peso das estratégias neutralizadoras do PCF e da Central Sindical dos Trabalhadores foram mermando a força dxs subterrâneas que, se bem emergiu intempestiva, não conseguiu fazer de sua produção uma forma permanente na superficialidade da história.

O CARACAZO: A SUSPENSÃO DO AVANÇO NEOLIBERAL

Com o fim do bloco soviético e a queda do Muro de Berlin, 1989 será considerado pela narrativa historiográfica hegemônica como o ano da quebra das possibilidades emancipatórias e do sucesso do mundo liberal. A derrota das apostas socialistas apagará os horizontes de transformação, cultivando o térreo da desesperança e a expansão do neoliberalismo no mundo. No entanto, esta narrativa historiográfica ocultará outras manifestações e emergências históricas que, nesse mesmo ano, irão à contracorrente da expansão do neoliberalismo e das quedas “socialistas” na Europa.

Em 27 de Fevereiro de 1989 as ruas da Venezuela serão testemunhas de uma irrupção. Conhecida como “Caracazo”, “Sacudón”, “o dia em que os morros desceram”, ela será considerada pelo imaginário social venezuelano como um dos episódios mais relevantes, senão o maior, de nossa história recente. Tratar-se-á do ponto de quebra do regime político da democracia “puntofijista”⁵, do desafio ao avanço neoliberal espalhado no mundo e de uma suspensão da “pós-história”.

5 Democracia “puntofijista” será o nome com o qual se conhecerá o regime democrático representativo na Venezuela depois da queda da ditadura de Marcos Pérez Jiménez, em 23 de Janeiro de 1958, e cuja estrutura econômica estará centrada fundamentalmente na renda petrolífera. O termo “puntofijista” provém do “Pacto de Punto Fijo”, um acordo assinado por dirigentes do partido socialdemocrata Acción Democrática (AD), do partido social-cristão Comité de Organización Política Electoral Independiente (Copei), e do partido socialdemocrata Unión Republicana Democrática (URD), em uma reunião realizada na fazenda Punto Fijo, em 31 de outubro de 1958. O acordo excluiu o Partido Comunista de Venezuela (PCV), uma das forças políticas mais importantes na Venezuela no período da ditadura, e terá, entre seus

A SITUAÇÃO DA IRRUPÇÃO (NEOLIBERALISMO OU O FIM DA ILUSÃO)

A irrupção do Caracazo, em 27 de Fevereiro de 1989, acontece em um contexto marcado pela crise das apostas emancipatórias no mundo. Trata-se do momento da véspera da derrota do socialismo e do desdobramento do neoliberalismo no planeta, mas da crise dos programas de bem-estar, especialmente nos países neocoloniais.

A democracia venezuelana, nascida em 23 de Janeiro de 1958, tinha se consolidado e desenvolvido a partir de um programa rentista favorecido pelo extrativismo petrolífero, o que permitia ao Estado impulsionar políticas sociais que garantiam, em certa medida, um rango de “paz social”. Em 1975-76 a indústria petrolífera foi nacionalizada, o que favoreceu a estabilidade cambial e o crescimento econômico nacional, permitindo ao Estado administrar com maior folga as desigualdades sociais e econômicas.

No entanto, a partir do “viernes negro”⁶ no ano 1983 a economia venezuelana foi profundamente afetada, marcando o fim de um período de bonança e desencadeando uma política de recortes sociais e salariais que comprometeu o status e a qualidade de vida da população. A merma da capacidade aquisitiva das classes médias e trabalhadoras, assim como o retro e/ou desmelhora das conquistas econômicas e sociais obtidas até então, promoveu tanto o mal-estar social quanto a crise de legitimidade da democracia “puntofijista”.

A estratégia de luta armada impulsionada pelas principais organizações de esquerda no país durante os anos 60, 70 e 80, não só justificou políticas de repressão seletiva por parte do governo (deixando importantes saldos de mortes, torturas e desaparecimentos forçados), mas contribuiu, num primeiro momento, ao afastamento daquelas respeito às organizações gremiais e sociais, e num segundo, à sua adequação à engrenagem política da democracia puntofijista, abandonando a produção de outras possibilidades além desta.

O fracasso da luta armada estará acompanhado pela emergência do movimento estudantil como referente das lutas pela defesa das conquistas sociais e dos direitos humanos. A década dos anos 80 será uma década em que os estudantes ocuparão um papel central: a luta pela passagem estudantil, pela defesa da gratuidade da educação e os direitos humanos, e contra o aumento dos serviços públicos, a perda do poder aquisitivo e os recortes aos benefícios sociais, foram só alguns dos cenários em que os estudantes se converteram em referentes de luta e de resistência. Obviamente, o governo não esperou para dissipar essa força com sua política repressiva.

convênios, a defesa da Constituição gerada no Estado democrático, o respeito aos resultados eleitorais, a conformação de um sistema de distribuição equitativa dos cargos no Poder Executivo entre os partidos assinantes, e um programa de governo mínimo comum, que será o programa que definirá o sistema democrático representativo venezuelano nos próximos quarenta anos.

⁶ Se conhece como “viernes negro” o dia 18 de fevereiro de 1983, data em que foi suspensa a livre compra-venta de moeda estrangeira e em que o preço do bolívar – a moeda venezuelana – sofreu uma abrupta desvalorização produto da fuga de capitais provocada pela queda dos preços do petróleo e a crise da dívida na América Latina.

Em março do ano 1987 as ruas da cidade andina de Mérida foram ocupadas e controladas por uma revolta estudantil – apoiada pela população – que surgiu logo depois que um senhor assassinara um estudante só por ter mijado na fachada da casa dele. A indignação gerada pelo assassinato converteu-se em força disruptiva e o caos apoderou-se da cidade nesses dias. O “Março Meridenho”, que é o nome com que se conhece este episódio, será apenas uma mostra da capacidade disruptiva das forças subterrâneas em um país em que se quebravam os mitos e ilusões de igualdade e bonança da democracia puntofijista.

No ano seguinte, no mês de outubro na fronteira com a Colômbia, oito camponeses foram massacrados pelo exército venezuelano, o qual os acusou de serem guerrilheiros colombianos. No entanto, mais dois camponeses conseguiram se salvar do massacre, chegar até Caracas e, com o apoio de organizações de esquerda e de organismos de direitos humanos, denunciaram o falso positivo. A notícia abriu mais uma fissura na fachada democrática do regime político.

Detenções arbitrárias, protestos reprimidos, denúncias de tortura, massacres, assassinatos a estudantes serão parte do cenário de tensões sociais e políticas da Venezuela na década dos 80. Junto com isto, o desenvolvimento de uma política, por parte dos principais partidos de esquerda, de se manterem nos limites da institucionalidade (eleições, acordos gremiais), o que acrescentará o afastamento entre esses e o mal-estar e as demandas da população.

Em 2 de fevereiro de 1989, Carlos Andrés Pérez (CAP) tomará posse de seu cargo como Presidente da República em um luxuoso evento que ficará resenhado pelos jornais nacionais como “A coroação”. Nesse dia, convidados especiais – entre os quais destacaram Daniel Ortega, Jimmie Carter e Fidel Castro – serão testemunhas da interpretação, pela segunda vez na Venezuela e na América, da Oitava Sinfonia de Gustav Mahler, a qual foi executada por mais de 1.500 músicos, entre coristas e instrumentistas. A extravagância daquele evento contrastará com as medidas de austeridade que CAP aplicará em seu programa de governo, que terá como o seu propósito fundamental acabar com a ideia de “Estado intervencionista y benefactor” (*El Mundo*, 1989, p. 1), iniciando com isto um processo de liberalização da economia no país.

Em 16 de fevereiro, CAP anuncia em rede nacional um pacote de medidas econômicas de curte neoliberal que executará como parte dos acordos previstos com o Fundo Monetário Internacional (FMI); entre elas, o aumento dos preços da gasolina, a liberalização dos preços do dólar e a privatização das empresas do Estado. Com estas medidas se abrirão as portas para uma crise política sem precedentes.

A TURBA COMO FORMA DXS SUBTERRÂNEXS:

Entanto que irrupção, o Caracazo foi tanto a *suspensão* de uma história pensada a partir da narrativa do “puntofijismo” quanto o cenário da produção de outra história na que um novo plexo de relações sociais foi se formando: o malandro, as mulheres das favelas, xs estudantes, xs trabalhadorxs, cada um deles impulsionando e produzindo o *acontecimento* na

apropriação do que tinha sido negado para eles, na defesa territorial da favela e da rua e no estabelecimento de novos códigos de solidariedade e de relação com a propriedade.

Social e economicamente situadxs dentro das classes trabalhadoras, exploradas e excluídas da sociedade, eu incorreria em um erro, no entanto, se tentasse definir a forma do sujeito específico *dxs subterrânexs* que emergiram em 27 de Fevereiro de 1989 só a partir de sua constituição de classe. Com certeza, a força *dxs subterrânexs* do Caracazo foi volcada intuitiva e materialmente contra a propriedade, contra a marginalização, contra o regime de pobreza, contra o avanço do neoliberalismo no país, todavia, não foi uma força composta por sujeitos organizados diferenciadamente, nem esteve dirigida conscientemente contra as instituições da ordem.

Pela forma em que emergiu e se produz o Caracazo foi, ao invés disso, a manifestação caótica de uma *turba* indiferenciada, o mais parecido ao que Toni Negri (2004) der em chamar a *multidão*. Participaram os estudantes, sim, mas não como movimento social organizado nem irrompendo as instituições destinadas para a construção do saber e do conhecimento. Participaram xs trabalhadorxs, também, mas não organizadxs como força social, nem fazendo greves, nem se apropriando da condução dos centros de trabalho. Participaram as mulheres das favelas, sim, mas não diferenciadas a partir da sua condição de gênero nem organizadas ao redor das suas demandas históricas. Participaram os “malandros”, sim, mas não como forma organizada para “delinquir”.

Enquanto as ruas e as lojas eram invadidas pela força vulcânica *dxs subterrânexs*, as favelas converteram-se em territórios controlados por estes com as ferramentas de luta *dxs* estudantes e com as armas dos malandros que nesse momento se converteram em aliados. Assim, durante os primeiros dias xs *subterrânexs* conseguiram resguardar as favelas do avanço repressivo da polícia e do exército, enquanto que nas ruas impunham uma dinâmica de organização territorial na qual os dispositivos da ordem estiveram subsumidos.

[...] un conductor, hecho el pendejo, quiso colarse y fue detenido por los manifestantes: resultó ser un oficial de la GN y no se sabía qué hacer con él. Una asamblea rápida tras la barricada discutía sobre la conveniencia de dejarlo pasar o no. Un grupo de policías observaba la discusión, sin participar en ella. Tomada la decisión, uno de los policías fue a informar: ‘Mi oficial, me permito decirle que la gente decidió que no podía pasar, es mejor que retroceda.’ (COLMENAREZ, 1989, p. 37).

Nesse momento de suspensão, foi o regime de assembleia para a tomada de decisões o que substituiu às formas hierárquicas e tradicionais para gerir o público, instituindo temporariamente outra forma de produção do coletivo e do político.

DA *ALGARABÍA MESSIÂNICA* À TRAGÉDIA (RESTAURAÇÕES TRAUMÁTICAS PARA SUSPENSÕES VIOLENTAS)

Para além da ausência de propósitos explícitos, o Caracazo será, de fato, a resposta material e simbólica tanto à crise de legitimidade do sistema político venezuelano quanto ao avanço neoliberal. Diante da incapacidade dos partidos de esquerda de encarrilar e “dirigir” o mal-estar social, e em um cenário de “*até aqui*”, uma só atitude de desafio animou aos subterrâneos se redimir com a irrupção, expansão e produção de si e da sua força no *espaço* da “história”.

A segunda-feira daquele dia 27 de fevereiro de 1989 receberá a manhã com o aumento no preço da gasolina e dos preços das passagens. Do “nada” e sem previsão possível, uma força subterrânea saiu à tona: rejeitando a unilateralidade e o poder de fato dos donos dos ônibus, os quais tinham aumentado unilateralmente as passagens, a população das classes trabalhadoras reagiu e pegou a coragem de ir para além dos limites e restrições que representavam o mal-estar. Foi o início da irrupção dos subterrâneos que saíram do mecanismo da engrenagem social e política e posicionaram-se como força autônoma contra uma ordem que, com as medidas acordadas com o FMI, impunha um regime de escassez, fome e miséria.

Convencidos do poder da sua força, os subterrâneos impediram a saída dos ônibus botando barricadas na rodoviária da cidade periférica de Guarenas (estado Miranda) e na rodoviária do Nuevo Circo na cidade de Caracas, espalhando-se rapidamente pelas ruas das cidades mais importantes do país... Sem direção partidária nem gremial por trás, as favelas saíram das margens e desceram dos morros, ocupando as ruas, saqueando as lojas, botando mercadorias, se visibilizando como força nos lugares antes negados para elas e assumindo a autenticidade de um agir inexistente na narrativa da “história”. Durante vários dias, a força vulcânica das favelas foi capaz de suspender a “história”.

os protestos estarão dirigidos a arrebatar dos armazéns, supermercados e lojas os produtos que lhes eram negados, bem pelo açambarcamento desonesto destes dias ou pelo nível do ingresso em contínua descida que tem tirado à maioria dos habitantes do país até a expectativa de procura-os. (...) As pessoas pobres, ao sentir sua força e se ver com as mãos cheias, experimentou contentamento, euforia (SOSA, 1989, p. 101)

Tanto os partidos do regime quanto as organizações gremiais e de esquerda foram surpreendidas com esta revolta que, imprevisível, desbordou os mecanismos para garantir a ordem institucional do Estado e instaurou novos tecidos sociais e um novo regime de justiça e de propriedade, conseguindo reverter, pelo menos no momento da emergência, a imposição das políticas neoliberais tidas como único horizonte, assim como a fome, a escassez e o afastamento daquilo que sempre foi negado para os subterrâneos.

Con el producto de los saqueos las masas (...) lograron llenar las neveras vacías desde hace meses. Dieron a los niños la comida que

(...) estaba desaparecida o con precios inalcanzables. Expropiaron masivamente a los especuladores, a los patronos que desabastecieron el mercado para ‘remarcar’ precios’. (COLMENAREZ, 1989, p. 44 y seq.).

Foi, pois, a produção de um novo campo de possíveis impensável no marco da “história”, isto é, a suspensão temporal de uma ordem de exclusão social e política. No entanto, logo depois será neutralizada e derrotada pelos dispositivos de poder do Estado com a suspensão das garantias constitucionais e com uma repressão massiva sem precedentes que deixará um saldo de aproximadamente 3.000 mortos em um período de 10 dias⁷.

Por enquanto, e enquadradas dentro da lógica do “possível” da “história” e da política, as principais organizações partidárias e gremiais de esquerda, que tinham sido ultrapassadas e surpresas pela emergência imprevista daquela força indiferenciada dxs subterrâneos, propõem a alternativa eleitoral como política para canaliza-la, sem reparar em que esta força emerge justamente para além desses dispositivos políticos nos quais não tinha espaço. A fissura estava feita...

MAIO E CARACAZO: PISTAS E SINGULARIDADES DA SUSPENSÃO DA “HISTÓRIA” COMO FENÔMENO

Tanto no Maio de 68 quanto no Caracazo em 89, a irrupção intempestiva e imprevisível dxs subterrâneos frente à ordem social e política estabelecida significaram uma suspensão temporal da “história” na qual concorreram formas, forças, agentes, vozes e possibilidades imprevisíveis e inéditos. Em um tempo em que o horizonte do possível fica cada vez mais reduzido, em que as resignações se revitalizam, as forças hegemônicas se impõem e avassalam e em que os horizontes se anunciam escuros, merece a pena ter em vista que, para além dos limites do possível, habita um número de possibilidades insuspeitas, e que se já tiveram lugar, elas “podem se produzir de novo”.

Num e noutro caso, tratou-se de emergências que não puderam se prever a partir da narrativa da “história” porquanto esta mantinha ocultas, invisíveis e/ou desconhecidas as dinâmicas e movimentos que aconteciam no subsolo. Em Maio nem a estrutura da ordem nem as burocracias gremiais e partidárias de esquerda contemplaram os “*grupúsculos*” como ameaça. No Caracazo, as organizações partidárias de esquerda acharam suficiente o trabalho de enquadrar o mal-estar na engrenagem política do regime “puntofijista” sem sequer reparar no afastamento e divórcio delas ao respeito daquelas. Nas possibilidades previstas na engrenagem, o imprevisto carecia de forma, de tempo e de espaço e, portanto, não tinha “direito” de nascer. Na lógica da “história” que se encontra por trás do Maio e do Caracazo, as

⁷ Não tem consenso sobre as cifras de mortes nesses dias. Enquanto o governo só reconhece um saldo de quase 400 mortos, organizações sociais e políticas, assim como a população afetada, falam de quase 3.000. Sobre o saldo do massacre, veja-se o Informe publicado pela organização de direitos humanos PROVEA (1989).

forças dxs subterrâneas foram consideradas tão impensáveis e tão fracas que sua capacidade de ruptura, de quebra e de suspensão nem foi contemplada.

Os sujeitos destas suspensões foram distintos aos contemplados na engrenagem histórica e política da ordem. No Maio, os *grupúsculos* e os movimentos de base ultrapassaram as burocracias partidárias e sindicais para se expressarem como forças autônomas e protagonistas do agir político. No Caracazo, ao invés disso, a força dxs subterrâneas expressou-se sob a forma da multidão e da turba indiferenciada.

Não quiser perder a oportunidade de fazer explícita a suspeita que se atualiza e se encontra por trás desta abordagem curiosa. Uma das coisas que destaca das suspensões tratadas nesta comunicação é o fato de elas declinarem e deixar o térreo para o reestabelecimento da “história” e suas lógicas de regulação das pulsões sociais e políticas. E esta restituição da “história” vem acompanhada do apaziguamento daquela força dxs subterrâneas, os quais, mais uma vez, terminam a voltar para o subsolo. Será que o Braudel tinha razão? No entanto, é bom não esquecer que o Maio e o Caracazo foram, nas suas emergências, aberturas do que tinha sido considerado impossível. Talvez hoje seja importante lembrar aquele grafite que adornou algum dos muros da França: “Sejamos realistas, exijamos o impossível”.

REFERÊNCIAS:

- BADIOU, A. El capitalismo, la política, el psicoanálisis, la poesía, el amor (1). 7 de diciembre de 2010 (Entrevista). *El jinete insomne* [Blog]. Disponível em: <<http://eljineteinsomne2.blogspot.com.br/2010/12/alain-badiou-el-capitalismo-global-como.html>>. Acesso em: 15 maio 2018.
- BAROT, E. Mayo de 1968: el peligroso presente del pasado. *Ideas de Izquierda*, Buenos Aires, n. 42, p. 5-8, abr./mai. 2018. Disponível em: <http://www.laizquierdadiario.com/ideasdeizquierda/wp-content/uploads/2018/04/05_09_Barot-vigna.pdf>. Acesso em: 12 maio 2018.
- BARTHES, R. A escrita do acontecimento, *O rumor da língua*, 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004 [1984].
- BENJAMIN, W. Sobre el concepto de historia, *La dialéctica en suspenso*. Santiago: LOM Ediciones, 2009 [1940].
- BENSAÏD, D. Mayo Francés. 1968-1978: no fue más que un inicio. *La Izquierda Diario* [Online], 03 mai. 2018. Disponível em: <<http://www.laizquierdadiario.com/1968-1978-No-fue-mas-que-un-inicio>>. Acesso em: 15 maio 2018.
- BENSAÏD, D.; WEBER, H. *Mayo 68: um ensayo general*. México DF: Ediciones ERA, 1969 [1968].
- CERTEAU, M. DE. Tomar la palabra. *La toma de la palabra y otros escritos políticos*. México DF: Universidad Iberoamericana, 1995.
- COLMENAREZ, E. *La insurrección de Febrero (análisis para la lucha revolucionaria)*. Caracas: Ediciones La Chispa, 1989.
- DELEUZE, G. *Lógica del sentido*. Barcelona: Barral Editores, 1970 [1969].
- EL MUNDO. Cambio único y liberación de la economía anunció CAP esta mañana al asumir la Presidencia de la República. *El Mundo*, 2 fev. 1989.
- FERNÁNDEZ-SAVATER, A. Políticas del deseo: retomar la intuición del 68. *Eldiario.es* [Online], 11 mai. 2018.

Disponível em: <https://www.eldiario.es/interferencias/mayo_del_68-deseo-Lyotard_6_770332960.html>. Acesso em: Consultado 12 mai. 2018.

FOUCAULT, M. *Microfísica del poder*. Madrid: Ediciones de la Piqueta, 1979.

LUCÍA, D De. Mayo de 1968: las palabras y el poder. *Revista Herramienta*, Buenos Aires, n. 7, jul. 1998. Disponível em: <<http://www.herramienta.com.ar/revista-herramienta-n-7/mayo-de-1968-las-palabras-y-el-poder>>. Acesso em: 15 maio 2018.

MORIN, E. Le retour de l'événement. *Communications*, Paris, n. 18, p. 6-20, 1972.

NEGRI, T. & HARDT, M. *Multitud*. Buenos Aires: Debate, 2004.

PROVEA. *Informe de situación de derechos humanos en Venezuela (octubre de 1988-septiembre de 1989)*. Caracas, 1989. Informe anual.

SOSA, A. ¿Qué fue lo que pasó? *SIC*, n. 513, p. 101-106, abr. 1989.

THOMAS, J.B. ¡Esto es solo el comienzo, continuemos la lucha! *Mayo Francés. Cuando obreros y estudiantes desafiaron el poder*. Buenos Aires: Ediciones del Instituto del Pensamiento Socialista, 2008, p. 27-72.